



UNILA

PPGIELA

Interseccionalidade e Fronteiras

Pré-Evento - 18. Congresso Mundial de Antropologia - IUAES

12 e 13 julho 2018

Jardim Universitário | UNILA

TORNANDO-SE HOMEM: UMA ETNOBIOGRAFIA DAS COSTURAS E RASGOS NAS MASCULINIDADES AUTOBIOGRAFADAS DE LÁZARO RAMOS, RICK MARTIN E JOÃO W. NERY

Bel. Nelson Soutero Coutinho Neto (UNILA)

E-mail: nelsonscneto@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a etnobiografia como possível ferramenta para reflexão, análise e descrição das masculinidades apresentadas não só dentro das narrativas de si, as autobiografias, bem como entre os textos. Neste sentido, o que se propõe é explorar como os estudos (auto)biográficos atrelados às perspectivas interseccionais e interdisciplinares entre Literatura, Antropologia, Sociologia, História e outras áreas podem contribuir para um melhor entendimento de como são construídos sentidos do tornar-se homem e de masculinidade quando sujeitos-autores propõem falar de si, sem deixar de considerar que, se estes sujeitos-autores de si tornam-se possíveis referenciais imaginários, ao mesmo tempo eles também são atravessados por outras relações de poderes e sentidos como raça, etnia, classe, gênero, orientação afetivo sexuais e outras expressões.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades, Literatura, Autobiografia, Etnobiografia

Introduzindo

O trabalho que é apresentado compõe parte de uma pesquisa maior em andamento pelo autor que tem como objetivo analisar e refletir sobre as percepções das masculinidades e a construção dos sujeitos homens nas autobiografias “Eu”, de Ricky Martin (2010); “Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois”, de João W. Nery (2011); e “Na minha pele”, de Lázaro Ramos (2017). Para tanto, a presente pesquisa utiliza como metodologia a etnobiografia para identificar as costuras e os rasgos³⁹ apresentados entre as obras.

Antes de apresentar o debate da etnobiografia enquanto proposta metodológica para os estudos entre os textos, passaremos por um breve levantamento bibliográfico sobre os estudos das masculinidades em nossa contemporaneidade, focando principalmente nas produções desde a

39 As palavras costuras e rasgos podem ser lidas como convergências e diferenças, na mesma ordem, a partir dos seus conceitos-chave. O autor compreende que os sentidos / percepções das masculinidades não são tecidos que vestem o corpo que se vê, se narra e é visto e narrado como homem, mas sim tessituras que formam a própria pele destes sujeitos dando formas sociais, culturais e políticas.

América Latina. Após a apresentação e discussão em torno da etnobiografia, seguiremos à debate da urgência da interdisciplinaridade e interseção de raça, classe e gênero dentro daqueles trabalhos que têm como proposta não só os estudos sobre masculinidades, mas também nos Estudos de Gênero.

Masculinidades para além da hegemonia dos sentidos

Na atualidade, os estudos sobre masculinidades marcam importante curva da ideia em torno das masculinidades. Ou seja, quando falamos sobre masculinidade, falamos sobre masculinidades no plural, na compreensão de existem outras masculinidades operadas a partir da cor, da sexualidade, da identidade de gênero e da classe desse sujeito masculino que o localiza em outros espaços não necessariamente de poder, mas também de outras vilências dentro desta própria subalternização. Na prática, o que se quer dizer é que se de um lado encontramos o homem branco europeu no centro do completo sistema que pauta as relações sociais de poder:

No outro extremo do espectro social os homens negros realizam trabalhos pouco qualificados, mal remunerados e pouco reconhecidos; eles fazem parte dos grupos mais expostos ao controle policial, eles levantam suspeitas no espaço público se apressam o passo ou se cruzamos com eles na rua à noite porque tememos que eles sejam delinquentes; eles são reificados e estereotipados, transformados em objetos sexuais e homens hipervirís. Embora possam obter alguns benefícios do fato de serem reconhecidos como dançarinos particularmente habilidosos, músicos talentosos ou homens dotados de uma grande capacidade física, isso não lhes traz benefícios nas hierarquias que organizam a ordem social e racial (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 182-183)

Num contexto latino-americano, quando falamos em estudos sobre homens e masculinidades, estamos falando de uma produção científica de cerca de trinta anos e que começa, como aponta Mara Viveros Vigoya (2018, p. 61), principalmente por mulheres presentes no campo dos feminismos. É ainda mais recente a entrada dos homens nestes estudos, “essa crescente presença do masculino em pesquisas, programas universitários e organizações sociais dá conta da força das transformações nas relações de gênero na região” (Ibid, p. 65).

De acordo com o catálogo⁴⁰ de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) há o registro de 486 teses e dissertações que trabalham com as questões em torno das masculinidades. O número pode parecer pequeno quando comparado, por exemplo, com os 1.075.836 trabalhos publicados dentro do campo dos Estudos de Gênero, entretanto, o que é importante analisar é a linha exponencial crescente no interesse do tema. Enquanto em 2014 foram registrados 39 trabalhos e em 2017 somaram-se 75.

40 Para os dados foram buscadas duas palavras-chave: masculinidades e Estudos de Gênero. Estas informações podem ser obtidas no portal <www.catalogodeteses.capes.gov.br>, acessado em 15 de agosto de 2017.

A antropóloga colombiana Mara Viveros (2018, p. 67), que é uma das principais pesquisadoras do tema num contexto latino-americano, aponta que o Brasil e o México são os principais países responsáveis por essas publicações e são seguidos de Colômbia e Chile.

É desse modo que:

Tornar-se homem tem cada vez menos se confundido com adotar uma identidade uniforme, que remete a um conjunto igualmente uniforme de representações. A abertura à pluralidade e à invenção de si têm sido projetos que paulatinamente têm se tornados mais possíveis ao sujeito de sexo masculino. Nesse sentido, podemos pensar que, em vez de instaurar uma crise no universo da masculinidade, o momento atual pode ser especialmente profícuo por abrir novas possibilidades de se reinventar o dito "sexo forte". O movimento de questionamento dos estereótipos da virilidade clássica pode ser, então, particularmente válido por abrir aos homens novos meios para a constituição de uma existência singular e para a emergência de uma subjetividade mais criativa. O abandono do esforço diário para se auto afirmar como viril, que tão marcadamente caracterizou o cotidiano dos sujeitos de sexo masculino, pode favorecer o deslocamento dessa energia para o campo da afetividade e possibilitar a maior exploração de funções antes menos valorizadas pelos homens, como a paternidade. Desse modo, o momento contemporâneo pode ser benéfico para os homens por permitir-lhe uma reinvenção mais livre dos estereótipos de gênero aprisionadores por tanto tempo propagados pelas sociedades ocidentais. (SOUSA SAMPAIO *et* AMORIM GARCIA, 2010, p. 98).

Assim, o que se começa a concretizar como um campo de estudo em vários lugares das ciências, sobretudo das ciências sociais, humanas, políticas e filosóficas desde a América Latina é a compreensão das masculinidades não como um dado biológico característico de um determinado corpo-genital, mas como práticas de poder. Portanto, torna-se possível este masculino também estar presente fora do corpo do que é dito como homem.

Uma proposta de metodologia

Como já dito, este trabalho faz parte de uma pesquisa maior de mestrado que tem como objetivo central a análise das percepções de masculinidades e da construção do tornar-se entre três autobiografias. Para isso, o que é proposto como aporte metodológico é a etnografia, ou seja, um processo que busca não só a análise de discurso e/ou conteúdo de orações ou palavras relacionadas as categorias masculino e da construção dos sujeitos-autores, mas também compreender que suas trajetórias estão diretamente atravessadas pelo meio social, político, econômico, cultural, de classe, raça, de sexualidade e de identidade de gênero.

Para além disso, é preciso dizer que estamos falando de narrativas de vidas escritas não apenas por duas mãos autorais de si próprias, mas de um conjunto de fatores inseridos em um processo

editorial entre a escrita ‘solitária’ deste sujeito que se propõe a narrar a si próprio e então por um editor, revisão, redator, diagramador, por um conselho editorial da empresa focada em livros e então este produto livro chega até as mãos dos leitores.

Por este motivo, antes de falarmos propriamente da etnobiografia, é preciso falarmos sobre alguns pontos que a pesquisa não pretende se debruçar com mais afinco. Não se pretende aqui discutir se as trajetórias narradas são, de fato, verdadeiras ou não, tampouco tomar a posição se o livro autobiográfico é ou não literatura por considerar, no primeiro caso, que mesmo sendo escrito em mais mãos as costuras e rasgos em torno das percepções das masculinidades autobiografadas e do tornar-se homem foi chancelado e chegou às prateleiras revelando que há uma trama, um ideal individual sobre o que é masculino e o que é ser homem naquele indivíduo narrado. E no segundo caso, consideramos ultrapassado o debate em torno desta questão. O livro, pelo leitor comum, é lido, interpretado, absorvido e há uma recepção comunicacional como literatura. Há uma busca específica por este gênero específico.

Dito isso, seguimos à etnobiografia. Como é possível ser apreciado, o labor sobre este debate se constrói a partir de uma complexa caixa de ferramentas para a ampliação reflexiva sobre as construções desses homens e masculinidades. A etnobiografia apresenta-se, neste contexto, como uma chave de fenda útil ao problematizar o pensamento sociológico clássico entre o individual e o coletivo, o sujeito e o a cultura. Desse modo, a questão primeira que se apresenta ao dar luz uma obra biográfica é: ao falar de ‘si’, nosso autobiógrafo também fala de ‘nós’? Este trabalho caminha por um sentido de compreender que:

o conceito de indivíduo que se opera [...] não parece ser uma percepção estrita da fórmula durkheimiana, em que o indivíduo se opõe à sociedade e à cultura. Pelo contrário, pensa o indivíduo enquanto potência de individuação que, acionada a partir da chave de uma relação entre pesquisador e pesquisa, produz uma relação entre sujeitos. É neste sentido que emerge a conceituação de etnobiografia que parece dar conta deste tratamento do sujeito, do indivíduo e da cultura. (GONÇALVES, 2012, p. 29-30)

Aí que se encontrada a diferença e a convergência entre uma metodologia especificada à Literatura Comparada para com o que se pretende aqui enquanto etnobiografia. Ou seja, a proposta é encontrar no campo fora dos textos estes significados do ser homem, do ser masculino em relação à Sociologia, à Antropologia, à História, à Psicologia, entre outras áreas do conhecimento produzido pela academia.

Portanto, se foi contextualizado que o sujeito homem e masculino é algo que torna-se, esta trabalho também se torna algo, este alto é interdisciplinar em seu eixo central, mas não tão só bem como interseccional também, e para explicar estes ponto é preciso trazer nossos autores autobiógrafos.

Tornando-se homem

Não havia um objeto a ser enfrentado para prosseguir minha estranha caminhada existencial. Percebi, então, que o "sem sentido" e o "sem valor" da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir. (NERY, 2011. p. 45 – grifo do autor)

Meu corpo vivia numa dúvida de até onde poderia ir. Eu pensava sempre em como meu corpo devia ocupar os espaços. Eu me sentia dono dele, pela forma como a minha família me tratava, e sabia que eu mesmo poderia definir meus limites, **mas o mundo começava a me dar sinais de que talvez não fosse simples assim.** (RAMOS, 2017. p. 36 – grifo do autor)

No primeiro trecho trazemos um trecho da obra de João W. Nery em que ele nos reveja sentir um medo que não sabe bem como enfrentar por não saber de ondem ele vem. João é um psicólogo homem transexual heterossexual reconhecido pelos movimentos sociais como o primeiro indivíduo a passar não só por processos de hormonização, mas também por processos cirúrgicos. Em suas memórias ele revela o quanto é doloroso física e mentalmente não ter sua identidade reconhecida, a identidade masculina por ter um corpo biológico lido socialmente como feminino.

Esta complexidade sobre o lugar do eu a partir do lugar que o corpo ocupa pode ser encontrado também na obra de Lázaro Ramos. Este segundo autor é homem cisgênero⁴¹ negro reconhecido por interpretar o primeiro galã negro da teledramaturgia brasileira. Ao se perceber homem e negro em espaços em que o desejo é “dedicado” aos homens brancos, Ramos percebe determinados “sinais”. Rick Martin, enquanto homem cisgênero homossexual porto-riquenho que despontou como o principal *sex simbol masculino* durante os anos 1980-90 enquanto participava da *boy band* Menudos revela que seu problema não está necessariamente com o corpo ou a cor da sua pele, mas que “o problema real era eu mesmo não saber como me sentia sobre o assunto” (MARTIN, 2010, p.148), este assunto está relacionado com a sua sexualidade, neste caso a homossexualidade.

Percebemos que encontramos rasgos, ou seja, diferenças, em como estes sujeitos narram o que sentem enquanto homens a partir de suas condições que os precarizam, os subalternizam e os vulnerabilizam de modos específicos, entretanto, o que convergem é que mesmo sendo homens e operando dentro de sistemas masculinos de sociedades, eles passam justamente por determinadas violências. Estamos falando, portanto, de masculinidades distintas que se trançam em suas percepções e construções.

É neste sentido que o presente trabalho se propõe apresentar a etnobiografia como uma proposta não possível para uma pesquisa mais densa e profunda e que oportuniza a interdisciplinariedade em

41 Uma pessoa cisgênero é conhecida por ser uma pessoa que tem convergências sociais entre o corpo-genital biológicos para com a sua identidade de gênero, sua expressão de gênero.

conjunto com uma perspectiva interseccional não de modos fechados e geométricos, mas levando em consideração trajetórias específicas apontando para uma possível possibilidade: falar de 'si' pode ser uma potência para um 'falar' de nós.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, Marco Antônio. **Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens**. In. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 19-42, 2012.

MARTIN, Ricky. **Eu**. São Paulo: Planeta, 2010.

RAMOS, Lázaro. **Na Minha Pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUSA SAMPAIO, Ricardo; AMORIM GARCIA, Claudia. **Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero**. Psicologia em Revista, v. 16, n. 1, p. 81-102, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100007>. Acessado em 10 de ago. de 2018.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

W. NEY, João. **Viagem Solitária - Memórias de um transexual 30 anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.